

A EROSÃO DO DIÁLOGO E A ESTETIZAÇÃO DO CONFLITO: A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO CAMPO RELIGIOSO CONTEMPORÂNEO E O CERCEAMENTO DA AUTONOMIA DO FIEL

THE EROSION OF DIALOGUE AND THE AESTHETICIZATION OF CONFLICT: THE INSTRUMENTALIZATION OF THE CONTEMPORARY RELIGIOUS FIELD AND THE CURTAILMENT OF THE BELIEVER'S AUTONOMY

 <https://doi.org/10.63330/armv2n7-022>

Submetido em: 03/08/2026 e Publicado em: 07/08/2026

ARM: e262073

Marco Antônio Teixeira de Paula
Mestrando em Teologia pela Faculdades EST

Silvia Clícia Corrêa dos Santos de Paula
Mestranda em Teologia pela Faculdades EST

Resumo

O presente artigo analisa o dinamismo no esvaziamento do diálogo inter-religioso e sociocultural na contemporaneidade, problematizando como a edificação do oposto enquanto algoz atua para vilipendiar o real poder de escolha do fiel. A partir de uma abordagem sociológica e teológico-crítica, articula-se o conceito de campo religioso em Pierre Bourdieu à teoria do dossel sagrado em Peter Berger, demonstrando como a concorrência por capital simbólico instrumentaliza o pânico moral em meio à liquidez das relações descrita por Zygmunt Bauman. Nesse ecossistema, a análise de Ricardo Mariano sobre a mercantilização da fé, evidencia o emprego de técnicas de persuasão que alienam o crente sob a ilusão da livre escolha, enquanto a crítica de Paul Tillich à "absolutização do relativo" desvela a idolatria institucional que destrói a alteridade. De forma seguinte, a contribuição da ética do reconhecimento de Axel Honneth é mobilizada para projetar a superação do sectarismo. Conclui-se que o acirramento do conflito não é um mero desvio ético, mas uma tecnologia de enquadramento cognitivo que cerceia a autonomia das pessoas e inviabiliza a convivência democrática plural.

Palavras-chave: Autonomia do Crente; Campo Religioso; Demonização do Outro; Diálogo Inter-religioso; Ética do Reconhecimento.

Abstract

This article analyzes the dynamics behind the emptying of interreligious and sociocultural dialogue in contemporary society, problematizing how constructing the other as an executioner works to vilify the



believer's genuine power of choice. Grounded in a sociological and theological-critical approach, it articulates Pierre Bourdieu's concept of the religious field with Peter Berger's theory of the sacred canopy, demonstrating how competition for symbolic capital instrumentalizes moral panic amidst the liquidity of human relations described by Zygmunt Bauman. Within this ecosystem, Ricardo Mariano's analysis of the commodification of faith highlights the use of persuasive techniques that alienate the believer under the illusion of free choice, while Paul Tillich's critique of the "absolutization of the relative" unveils an institutional idolatry that destroys alterity. Subsequently, the contribution of Axel Honneth's ethics of recognition is mobilized to project a path toward overcoming sectarianism. It concludes that the intensification of conflict is not merely an ethical deviation, but a cognitive framing technology that curtails individual autonomy and undermines pluralistic democratic coexistence.

Keywords: Autonomy of the Believer; Demonization of the Other; Ethics of Recognition; Interreligious Dialogue; Religious Field.

1 INTRODUÇÃO

A promessa moderna de secularização e pacificação pelo pluralismo cedeu lugar a um campo religioso fragmentado, desregulamentado e profundamente conflagrado. Se o arrefecimento dos monopólios confessionais deveria, em tese, inaugurar uma era de convivência ecumênica e reconhecimento mútuo, a realidade contemporânea expõe a institucionalização do conflito como vetor de sobrevivência mercadológica. O diálogo inter-religioso, reduzido a uma formalidade estéril ou ostensivamente interdito, é atropelado por estratégias proselitistas que transformam o divergente em uma ameaça existencial tanto no plano individual quanto no coletivo. Nesse contexto, a fé deixa de operacionalizar prioritariamente como contexto experiencial de transcendência e emancipação moral para ser capturada pelas engrenagens da concorrência por capital simbólico e financeiro. Lideranças demagógicas, transitando como empresários do sagrado, que exploram a vulnerabilidade do indivíduo hipermoderno mediante a fabricação de polarizações maniqueístas. O combate ao "outro" demonizado e ressignificado passa a seu cerne de coesão interna dos grupos, onde a preservação da identidade dogmática exige a destruição simbólica do diferente.

O ponto de inflexão mais grave dessa dinâmica não se limita à escalada da intolerância, mas reside na fraude estrutural perpetrada contra o próprio fiel. Vendida sob a ilusão da "livre escolha" no mercado de fés, a adesão a discursos fundamentalistas é, em essência, fruto de uma indução narrativa rigorosamente articulada. Submetido a gatilhos emocionais, chantagens soteriológicas e ao isolamento crítico, onde a pessoa é privada de suas condições de discernimento.

Diante desse diagnóstico, o objetivo deste artigo é desvelar as estruturas de dominação que regem a proliferação da inimizade religiosa, demonstrando como o apagamento da alteridade e a dilapidação da



autonomia individual são as moedas de troca exigidas para a sustentação do poder teopolítico na modernidade tardia.

2 A ECONOMIA DO SAGRADO E A CONSTRUÇÃO DO "INIMIGO NECESSÁRIO"

O campo religioso contemporâneo perpassou uma mutação estrutural decisiva: a transição de um regime de monopólio tutelado para um mercado desregulamentado de bens de salvação. Contudo, em vez de a concorrência produzir a sofisticação da alteridade ou a maturação do debate ecumênico, o ecossistema religioso reagiu acelerando mecanismos de salvaguarda corporativa. Para decodificar esse fenômeno, Bourdieu (2011), conceitua o campo religioso como um espaço de lutas objetivas em que agentes e instituições disputam o monopólio da autoridade religiosa, isto é, a prerrogativa legítima de administrar os bens espirituais, ditar as regras de salvação e interpretar o Sagrado. Na ausência de um controle estatal absoluto ou de uma hegemonia incontestável, a sobrevivência e a expansão de uma instituição dependem rigorosamente do volume de capital simbólico que ela consegue concentrar. Nesse contexto de relação concorrencial, a edificação de uma alteridade antagônica a fabricação do "inimigo necessário" deixa de ser uma disfunção moral e converte-se em um dispositivo sociológico de alta eficiência mercadológica.

A cooperação interpessoal e o diálogo inter-religioso pressupõem a porosidade de fronteiras dogmáticas, o que, sob a ótica estritamente mercadológica, representa um risco de perda de ativos (membros, dízimos, fidelidade simbólica). Em contrapartida, a retórica bélica delimita contextos com precisão cirúrgica. Ao substanciar o fiel de outra confissão, o não crente ou a diversidade secular como agentes "devastadores" da ordem e da fé, as instituições edificam uma atmosfera de constante cerco. A percepção de ameaça iminente coage a comunidade a um estado de hipervigilância, no qual a discordância interna é assimilada como traição e a adesão irrestrita à instituição é vendida como a única salvaguarda ontológica. O conflito, portanto, é intencionalmente produzido para reter o consumidor religioso por meio do afeto do medo.

3 LIDERANÇAS DEMAGÓGICAS E A ESTRATÉGIA DA POLARIZAÇÃO COMO CAPTAÇÃO

A proliferação de lideranças reativas e abertamente confrontacionais no cenário público encontra uma seara fértil na crise existencial da hipermodernidade. Conforme argumentado por Zygmunt Bauman (2001), a liquidez das instituições sociais, a fragilização dos laços comunitários e a volatilidade das certezas geram um indivíduo imerso na desorientação e na desordem. Nessa vacância de sentido, Berger (1985), ganha centralidade: a religião operacionaliza historicamente como um dossel sagrado, um construto simbólico capaz de projetar ordem (nomos) sobre o caos (chaos). Explorando a vulnerabilidade dessa pessoa fragilizada, a liderança demagógica atua não como uma mediadora do transcendente, mas como uma gestora da ansiedade coletiva. Sua autoridade não se assenta na sofisticação exegetica, na promoção da



justiça social ou na edificação da paz, mas no maniqueísmo rasteiro. O discurso é instrumentalmente reduzido a oposições binárias irreconciliáveis: a verdade moral versus a decadência do mundo, o bem supremo versus a corrupção absoluta.

Essa polarização fabricada desdobra-se em uma tática binária de gestão de rebanho que articula a captação de novos membros por meio de respostas simplificadas com a sua simultânea retenção por meio da interdição do debate. Por um lado, a liderança oferta a pessoa uma identidade rígida, ágil e pré-formatada, na qual, em um mundo marcado pela complexidade, o dogma fechado é absorvido como alívio cognitivo, concedendo a pessoa crente um pertencimento instantâneo baseado na oposição. Por outro lado, para assegurar que o adepto não transite para outras fontes de sentido, interdita-se o contato crítico com a diferença, rotulando a alteridade como contaminação espiritual ou desvio ético. Assim, o espetáculo da confrontação o ataque direto a outras crenças, liturgias ou visões de mundo passa a ser o eixo estruturante da comunicação desse líder. Quanto mais agressivo o ataque ao divergente, mais forte transparece sua autoridade perante a massa domesticada, convertendo o rebanho em uma força reativa de choque e instrumentalizando a fé para a consolidação do seu próprio projeto teopolítico.

4 A ILUSÃO DA ESCOLHA: A INDUÇÃO NARRATIVA E A EROSÃO DA AUTONOMIA DO FIEL

Uma das maiores mistificações do mercado religioso contemporâneo é a tese de que o declínio dos monopólios confessionais garantiu as pessoas uma plena "liberdade de escolha". Sob um exame crítico, evidencia-se que a autonomia da pessoa crente é sistematicamente solapada por tecnologias de indução e enquadramento perceptivo. De acordo com Mariano (1999), ao problematizar as dinâmicas da competitividade no campo pentecostal e neopentecostal brasileiro, a corrida por fiéis impôs o emprego de técnicas agressivas de persuasão mental, marketing de conversão e coerção simbólica. A pessoa que adere a um discurso fundamentalista e reativo raramente o faz a partir de um exame reflexivo e desapaixonado das opções teológicas disponíveis. Ao contrário: ele é capturado por uma engenharia discursiva que atua sobre suas fobias mais primitivas.

Esse processo de heteronomia é sustentado por um ecossistema coercitivo onde convergem a manipulação de gatilhos emocionais, o controle informativo e a chantagem soteriológica. Inicialmente, a liderança inflama o pânico moral em relação à família, à sexualidade e ao destino da alma, situando a pessoa fiel em uma situação fictícia de emergência espiritual iminente. Paralelamente, a comunidade religiosa passa a fornecer não apenas a doutrina, mas a chave hermenêutica para interpretar toda a realidade social, política e cultural, deslegitimando qualquer fonte externa de saber. Por fim, a dúvida, o questionamento crítico ou o exercício da empatia em relação ao divergente são enquadrados como sinais de fraqueza na fé ou risco de condenação eterna. Dessa forma, a alegada "livre escolha" da pessoa fiel revela-se uma ilusão formal. A pessoa atua sob um regime de assentamento induzido: ele acredita estar exercendo



voluntariamente o seu livre-arbítrio, mas está apenas reproduzindo um roteiro de intolerância previamente traçado pelas elites eclesásticas. O direito de crer é, portanto, alienado, e a pessoa crente é convertido em um agente de reprodução do conflito corporativo da instituição.

5 O APAGAMENTO DA ALTERIDADE E OS CAMINHOS PARA A RECONSTRUÇÃO DO DIÁLOGO

A desintegração do diálogo inter-religioso perpassa o campo teórico ou a mera indelicadeza litúrgica; suas consequências se desdobram materialmente na violência social, no racismo religioso, na destruição de patrimônios culturais e na erosão da própria democracia. Quando a alteridade é interdita, a religião recai naquilo que Tillich (2009) denominou de "absolutização do relativo": o momento em que uma instituição humana e temporal se apropria do nome de Deus para divinizar seus próprios interesses de poder, exigindo submissão incondicional e anulando o direito de existência do outro. O apagar do divergente coisifica o indivíduo, fazendo com que o seguidor de outra tradição deixe de ser um próximo a ser amado para se tornar um objeto a ser convertido ou um abjeto a ser neutralizado.

Para estancar esse processo de degradação da convivência civil e espiritual, faz-se urgente articular a promoção de um letramento e de uma alfabetização religiosa crítica com o resgate de uma ética do reconhecimento recíproco. Klemz (2019; 2023a; 2023b; 2025) entende que essa ética é a da alteridade, do agir em conformidade com os preceitos de equidade e justiça, que dizem respeito à responsabilidade e à ação concreta das pessoas diante das circunstâncias da vida. É imperativo promover, no contexto público e educacional, o estudo do fato religioso a partir de uma abordagem laica, sociológica e histórica, capacitando o cidadão e emancipando-o da ingenuidade hermenêutica para que consiga diferenciar a vivência espiritual genuína da manipulação demagógica. De forma seguinte, Honneth (2003), afirma que o diálogo inter-religioso não pode continuar sendo tratado como mera tolerância condescendente, devendo avançar para o reconhecimento autêntico no qual o direito do outro à diferença, à sua memória histórica e à sua própria experiência do transcendente seja validado como parte legítima da dignidade humana. A superação do sectarismo exige o ressignificar do processo autônomo da pessoa crente, que deve recusar a instrumentalização de sua fé para fins de expansão mercadológica e violência política, devolvendo à experimentação religiosa o seu potencial verdadeiramente libertador.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação empreendida no transcorrer deste artigo evidencia que o esvaziamento do diálogo inter-religioso e o acirramento da intolerância no cenário contemporâneo não constituem meras disfunções morais ou desvios éticos conjunturais. Ao contrário, revelam-se como os resultantes de uma tecnologia de enquadramento cognitivo e de uma pragmática mercadológica rigorosamente articuladas. No âmbito de um



contexto religioso desregulamentado, a estetização do conflito e a edificação do "inimigo necessário" operacionalizam como dispositivos indispensáveis para a acumulação de capital simbólico, assegurando a retenção e a hipervigilância dos fiéis por meio da gestão do medo e do pânico moral.

Nesse cenário de profunda volatilidade ontológica, marcado pela liquidez das instituições e pelo colapso das certezas comunitárias, a atuação de lideranças demagógicas instrumentaliza a busca por ordem e sentido. Promete-se a reconstituição de um dossel sagrado por meio de maniqueísmos rasteiros e da interdição do debate a qualquer custo. A grande fraude do mercado de bens de salvação reside na ilusão da "livre escolha": ao submeter o crente a gatilhos emocionais, chantagens soteriológicas e coerção simbólica, desestrutura-se o seu discernimento reflexivo. O fiel, despojado de sua autonomia, é induzido a reproduzir roteiros de intolerância sob a falsa premissa de estar exercendo o seu livre-arbítrio.

A desumanização do outro e o apagamento da alteridade encontram seu ápice no fenômeno que Paul Tillich conceitua como a "absolutização do relativo", no qual a instituição temporal diviniza suas estruturas corporativas para anular o direito de existência do diferente em sua integralidade. Para conter essa escalada de violência social e erosão democrática, torna-se necessário superar a mera tolerância apaziguadora e avançar rumo à ética do reconhecimento autêntico proposta por Axel Honneth, assegurando que a experiência do transcendente e a memória histórica das pessoas sejam validadas como componentes legítimos da dignidade humana. Somente por meio do letramento religioso crítico, da afirmação da laicidade e do resgate da autonomia do crer será possível devolver à vivência espiritual o seu horizonte genuinamente emancipatório e libertador.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção: Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento**: A gramática moral dos conflitos sociais. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

KLEMMZ, Charles. **A diversidade humana nas redes sociais digitais**: um estudo a partir da teologia. Veranópolis, RS: Diálogo Freiriano, 2025.

KLEMMZ, Charles. Inclusão ou diversidade? **Identidade!**, São Leopoldo, v. 28, n. 1, p. 385-397, jan./jun. 2023b. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/Identidade/article/view/2646>. Acesso em: 27 mar. 2026.



KLEMZ, Charles. **Inclusão transversal da diversidade humana a partir da perspectiva da educação e da teologia**. São Leopoldo, RS, 2019. 124 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2019 Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/989/2/klemz_c_tmp348.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2026.

KLEMZ, Charles. **O rosto de Cristo na diversidade humana das redes sociais digitais**. São Leopoldo, RS, 2023a. 1 recurso online (177 p.) Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2023a. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1167/1/klemz_c_td.pdf. Acesso em: 19 jun. 2025.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. Tradução de Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.